

História da África: visão, metodologia e dificuldades

Patrício Batsikama Mampuya Cipriano 

Resumo

Entre 2008 e 2018 as minhas aulas de “História da África” nas diferentes instituições de Ensino Superior em Angola foram marcadas por uma visão: “descolonizar as mentes”. Como metodologia de ensino, optei a andragogia, para permitir maior participação dos estudantes nas salas de aulas. Durante a leção, deparamo-nos com muitas dificuldades que, ao refletirmos, pensamos serem ultrapassadas com as reformas dos currículos existentes, de acordo com as nossas humildes experiência na sala de aulas. O presente artigo apresenta quatro pontos mais complexos da disciplina “História da África”: (1) Estados africanos antes dos contatos externos. Caso do Reino do Kôngo; (2) Do Egito negroide à África plural. (3) Conflitos religiosos e militares nos séculos XV-XVII. Caso de Kimpa Vita e rainha Njîng’a Mbândi. Estes três temas são os mais prolíficos quer na participação dos estudantes, quer no alcance dos meus objetivos como professor. Daí, vem o último ponto: (4) proposta de programa sobre História da África. Iremos resumir a visão institucional em relação a essa disciplina em contraste com a visão professoral, da metodologia de ensino que vira metodologia de pesquisa onde a sala de aulas torna-se “campo de pesquisa” e, finalmente, as nossas propostas nas reformas curriculares que nos parecem urgentes.

Palavras Chave: África, Angola, Diáspora africana, Ensino de História.

Histoire de l'Afrique: vision, méthodologie et difficultés

Patricio Batsikama Mampuya Cipriano

Résumé

Entre 2008 et 2018, mes cours sur l'Histoire de l'Afrique dans des différentes institutions de l'Enseignement supérieur en Angola ont été marqués pour une vision: "décoloniser les mémoires". J'ai alors choisi l'andragogie comme méthodologie, pour permettre une participation qualitative des étudiants dans la classe. Durant mes cours, nous avons remarqué plusieurs difficultés qui, en réfléchissant selon nos expériences dans la classe, peuvent être dépassées avec des réformes en ce qui concerne le curriculum existant. Cet article présente quatre points qui nous semblent complexes dans l'Histoire de l'Afrique": (1) États africains avant les contacts externes. Le cas du Royaume du Kongo; (2) De l'Égypte négroïde à l'Afrique plurielle; (3) Conflits religieux et militaires aux siècles XV-XVII. Les cas de Kimpa Vita et règne Njing'a Mbandi. Les trois thèmes ont été les plus vantés dans nos cours, avec la participation des étudiants aussi bien en ce qui concerne les objectifs prétendus. De ce fait, le dernier point (4): une proposition du programme sur l'Histoire de l'Afrique. Nous allons résumer la vision institutionnelle par rapport à la vision du professeur, dont la méthodologie de l'enseignement devient la méthodologie de recherche sur terrain (classe) et, finalement, nos propositions sur la réforme curriculaire sont dues à l'urgence de cette préoccupation.

Mots-clé: Afrique, Angola, Diaspora africaine, Enseignement de l'Histoire.

Introdução

Quando recebemos o programa de “História de África” em 2008 para o curso de Pedagogia, no IMETRO (Instituto Superior Politécnico Metropolitano de Angola), deparamos com cinco impasses que são: (1) a concepção dos temas e tópicos não terão sido planejados por um historiador; (2) o objetivo da disciplina em nada tinha a ver com as nobres orientações patentes na História Geral da África (HGA), pela UNESCO; (3) a falta de bibliografia correspondente aos tópicos; (4) a carga horária não poderia satisfazer os objetivos preconizados; (5) a ausência das aulas práticas: visita ao Museu de escravatura, aos edifícios históricos em Luanda e porque não as ruínas da fábrica de açúcar/aguardente no Bengo, etc. Como se pode notar, tratava-se de um desafio.

Entre 2012 e 2015 administramos o seminário “História das Artes em África” na Faculdade de Ciências Sociais na Universidade Agostinho Neto (FCS/UAN), com os estudantes do 4º ano no curso de História. Os principais obstáculos foram: (1) o programa desconhecia questões historiográficas ao ponto de confundir-se com a etnografia colonial; (2) os objetivos não davam importância na *arte* na sua aceitação estética-histórica como forma de munir os estudantes de ferramentas na apreciação da *arte contemporânea*; (3) a falta de bibliografia especializada e específica; (4) a carga horária insuficiente, apesar das aulas práticas; (5) os estudantes não tinham capitais acadêmicos para fazer face às discussões metodológicas, nem dos temas centrais, apesar de estar no quarto ano. Mas devo admitir que os estudantes, notavelmente, superaram as suas dificuldades.

Entre 2016 e 2018 lecionamos “História da África” no Instituto Superior Politécnico Tocoísta- ISPT no 2º ano do curso de Sociologia. Os obstáculos continuam as mesmas: (1) o programa precisava de ser adaptado por ser longo e ter tópicos repetidos; (2) os objetivos pouco claros para o curso; (3) a falta de bibliografia; (4) a carga horária relativamente suficiente; (5) indefinição de “História política” ou “História social”. Qual delas seria rentável para a formação em Sociologia? Desta experiência humilde, fizemos uma pequena comparação. Como podemos notar, diferentes disciplinas relativas à História da África foram lecionadas em três diferentes instituições de Ensino Superior em Angola. Contudo, apresentavam cinco dificuldades convergentes. Daí, este artigo apresenta a *visão* que norteou as nossas aulas e a metodologia utilizada para alcançar os objetivos.

Estados africanos antes da colonização

Os três primeiros volumes da História Geral África (adiante HGA) são tecnicamente bons para apresentar-nos a África antes da colonização. Só que em relação a Angola, notamos um espantoso vazio, principalmente em relação ao reino do Congo, que foi o nosso campo de pesquisa entre 1993 e 2014. Isso parece, talvez, a desilusão em relação à abundância de

documentos (Vaticano, Portugal) que constituem a época pós-europeia. Limita-se às poucas evidências arqueológicas, cuja interpretação obedece relativamente a uma visão de fora, mesmo quando considera a Tradição Oral. Apesar de encontrarmos várias informações úteis sobre o Congo pré-lusitano em várias relações e relatórios de viagens, esses dados carecem ainda de análise profunda e não são questionadas metodologicamente. Daí, em 2010, sugerimos uma metodologia da Tradição oral e comparação com demais dados arqueológicos e documentais (BATSÍKAMA, 2010). Na base de lista nominal de soberanos (heróis civilizadores) é lógica e metodologicamente possível perceber que o Estado Congo teria sido funcional já entre os séculos IX e X da nossa era. A própria língua corrobora e indica os espaços de onde teriam sido oriundos os monarcas que reinaram antes de N̄zîng'a Nkuwu.

O programa do IMETRO não fazia menção ao Antigo Egito (DIOP, 1977), nem ao Império de Mali e os reinos de Kouch, nem tão pouco dos Nilotas, Sudaneses, Pigmeus e Khoi Khoi. Mas, versava-se na África Central Ocidental. Face a esse problema, começamos as nossas aulas aprendendo a desenhar o mapa de África e ver as fronteiras geográficas (deserto, floresta, savanas, rios, etc.), as fronteiras humanas e linguísticas (África Ocidental, África Mediterrânea, África Oriental, África Central, África Meridional) e as fronteiras políticas com grandes reinos e impérios. Uma das dificuldades para nós foi de lecionar essas aulas no 1º ano, com estudantes com capitais culturais e acadêmicos demasiado fracos⁵⁴.

Não existia uma bibliografia para efeito, no IMETRO. A Biblioteca nacional tinha bons livros e recomendamos aos estudantes alguns títulos, embora alguns deles em francês ou inglesa. Decidimos traduzir alguns dos capítulos que nos interessavam, nomeadamente: Egito na antiguidade, Império de Mali e os contatos havido com comerciantes árabes na África Ocidental. Interessou-nos falar do Egito antigo, com sua grande civilização. Mas antes apresentamos a teoria da desertificação do Saara, as evidências com as pinturas e gravuras rupestres assim como a construção do Egito antigo pelos africanos (DIOP, 1977; DIOP, 1955). A África nilótica e África Oriental foi importante para os estudantes perceberem da ligação com a África Central (OBENGA, 2014). Com isso tornou-se fácil falar da expansão Bantu e da segunda desertificação e a edificação dos reinos na África subsaariana, nomeadamente: Congo, Luanda, Luba, Umbundu, etc. Exploramos (com estudantes) informações relativas à Tsodilo Hills e a miscigenação dos povos que fundaram reinos militares fortes, assim como os descendentes dos povos de Ndôngo, em Angola (VANSINA, 2004).

Com essa postura, pretendia eu corrigir os objetivos que o IMETRO pretendia inicialmente com essa disciplina na formação de professores. A HGA deixa clara a necessidade

⁵⁴ Ao procurar saber as razões, num inquérito para superar as dificuldades, percebemos nas três turmas com 113 estudantes: (i) 28,3% eram oriundos de Ciências Exatas; (ii) 33,6% fizeram Ciências Sociais, e Econômicas; (iii) 38,1% cursos profissionais da educação, de electricidade, mecânica, etc.

de uma “descolonização” conceptual na história da África, realçar a consciência dos africanos na produção da História, uma vez que foi negada a participação do africano na História do mundo. O programa do IMETRO desconhecia esse desiderato, embora mostrou nobre postura em determinados itens. Por outro, a necessidade de uma *leitura de dentro* visava a determinação que as independências africanas manifestaram em busca da identidade história que as prestigiassem.

Os capítulos sobre a escravatura (escravidão) foram contados, nos livros, na visão do opressor. O discurso histórico da HGA em pouco ou nada contraria essa visão de traficante. Esse discurso histórico é perigoso na assimilação dos estudantes que, embora possa repudiar a prática (escravidão), mostravam-se indiferentes acreditando que a selvageria da África precisava ser civilizada: tal é o caso das religiões (Islão e Cristianismo) que norteiam ainda as afirmações identitárias dos estudantes. Esse ponto me foi desolador, pois apesar de demonstrar que África antes da presença europeia tinha poderosos reinos, sistemas monetários fixos e capacidades militares de proteger-se em vários cantos, tudo isso desconhecido pelos estudantes.

Apesar das minhas traduções (à pressa, devido ao tempo) que disponibilizei aos estudantes, haviam outras dificuldades. A primeira e principal foi a falta de hábito de leitura na parte dos estudantes. A segunda, foi a carga horária: tinha apenas duas horas semanais e em nada recompensavam os meus esforços para “descolonizar” os conceitos que os estudantes tinham em relação ao seu continente.

Apresentamos uma proposta de melhoramento do programa junto do Departamento das Ciências Humanas do IMETRO com propósito de: (1) duplicar a carga horária e tornar a disciplina anual; (2) eliminar vários itens e colocar capítulos que aumentavam o autoestima dos estudantes; (3) disponibilizei cerca de 47 livros na biblioteca; (4) sugeri uma didática pragmática: obrigar os estudantes a ler e compartilhar na sala de aulas; (5) sugeri que uma equipe de três professores desta disciplina trabalhasse na reforma do programa quer na sua concepção, orientações bibliográficas e visão.

Em 2009 tive uma resposta positiva da Direção do IMETRO. As propostas que fizemos foram implementadas em 2010 quando já não fazíamos parte daquela instituição. A verdade é que, apesar de algumas reformas, as novas configurações introduzidas tinham as suas exigências: (i) apenas um historiador bem preparado no ensino de História poderia bem administrar essas aulas; (ii) o professor deveria ser poliglota, pela bibliografia disponibilizada; (iii) o docente deveria ser um pesquisador na matéria, tendo em conta a metodologia sugerida. Infelizmente, em 2011, notamos que essa disciplina já tinha ficado na responsabilidade de outros professores que, na verdade, não possuíam o perfil exigido, embora tenha melhorado.

Deixamos definitivamente o IMETRO quando a Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto abriu-nos as portas.

História das Artes em África

Antes de nós, esse seminário estava sob a responsabilidade de um professor que era mestre em museologia, e trabalhava também no Museu Nacional de Antropologia. Por sinal, ele foi o nosso supervisor em 1995-2000, quando fomos lá colocados como auxiliar a investigação. A experiência que tínhamos alcançado no IMETRO serviu para, logo à partida, ter introduzido *imputes* necessários. A nossa esperança situava no fato de ser, desta vez, estudantes de 4º ano.

Nas primeiras aulas de familiarização com os estudantes, identificamos os pontos fortes que já estavam no programa, o nível de participação deles e os limites metodológicos em abordar a História. A principal dificuldade foi a carga horária: 4 horas semanais. Naquela altura eu já dispunha de uma bibliografia em língua portuguesa sobre a História da África, e muitos dos textos já eram conhecidos dos estudantes nomeadamente: Joseph Ki-Zerbo (KI-ZERBO, 1979), Boubakar Keita (KEITA, 2009), Elikia Mbokolo (MBOKOLO, 2007-I, II), John Fage (FAGE, 1995), Jean-Marie Lambert (LAMBERT, 2001) eram os principais autores referenciados. Salienta-se que naquela época, a HGA já estava traduzida pela Universidade de São Paulo (USP), etc. Existiam outras bibliografias boas em língua portuguesa sobre o Egito antigo e não só, mas menos conhecidas. Logo no início, olhamos esse seminário como uma oportunidade de fornecer aos estudantes de História conhecimentos sobre a arte, com preferência às discussões metodológicas em estética, antropologia, sociologia e história da arte. Isto é, estendemos a bibliografia com Aleksander Baumgarten, Imanuel Kant, Martin Heidegger, Kabelenge Munanga, Pierre Bourdieu, etc. Tivemos que introduzir as nossas pesquisas, já publicadas em livros e artigos, para alimentar a discussão da melhor maneira.

Depois de explicar esse conceito e ter promovido uma discussão alargada, estudamos o mapa artístico africano. Na base de vários catálogos, examinamos cerca de 228 esculturas e suas morfologias; assistimos trinta (37) danças folclóricas e contemporâneas (baixando no Youtube), etc. Desta diversidade, conseguimos reagrupar em diferentes Áfricas, essas modalidades artísticas e estabelecemos as ligações entre si. Desta constatação, comparamos os motivos artísticos: pinturas rupestres do Saara, História do Egito (Antigo, Médio e Novo Império), Expansão dos Bantu, pinturas rupestres de Tsodilo Hills, fundação dos reinos no sul do Saara, os conflitos dos séculos XV-XVIII, escravidão e resistência, colonização e descolonização, ideologias africanas de afirmação, Arte contemporânea nos dias de hoje (com destaque à música: Miriam Makeba, Lwambo Makiadi, Salif Keita, Manu Dibangu, Papa Wemba, Fela Kuti, etc.).

Enfrentamos duas dificuldades. A etnografia colonial ainda é amplamente considerada, não apenas pela produção qualitativa que tem de modo geral, mas é sobretudo, pela reprodução da mesma pelos pesquisadores africanos que repetem alguns erros. Poucos pesquisadores fazem trabalho de campo por falta de meios, e menos ainda fazem crítica nos trabalhos clássicos. Na verdade, em relação a Angola por exemplo, os livros do padre Carl Estermann são bons, mas precisam de uma profunda revisão. José Redinha fez um trabalho ímpar, mas verificam-se as suas imaginações em vários aspectos. Óscar Ribas traz-nos uma qualitativa literatura folclórica, mas carece ainda das análises sobre valores etnográficos que ele faz passar. Eduardo dos Santos fez boas recolhas, mas a sua leitura exógena compromete muitas das informações que nos fornece. Desta produção etnográfica, existe uma grande parte que é ainda desconhecida, que pode ser encontrada em diferentes revistas (não ou pouco exploradas⁵⁵), etc.

A segunda dificuldade é dupla: (i) a etnografia colonial noutras línguas, nomeadamente inglesa e francesa; (ii) desconhecimento dos estudos pós-coloniais das tradicionais escolas alemã, americana, inglesa, francesa, entre outras. As questões raciais, problemas de integração sociais, conflitos pós-independências e democracia em África, etc. já foram abordadas em fóruns específicos e publicados em revistas, livros e atas. Os próprios africanos têm se debatido sobre tais temáticas, ultimamente. Por outro, a comunidade portuguesa marcava pouca presença nos Congressos mundiais onde se debatia a Arte⁵⁶ nos estudos pós-coloniais, mas também a própria produção é recente, assim como sobre a História da África. É de louvar a iniciativa das universidades brasileiras em promover congressos a esse respeito, desde a Lei 10.639/03 no Brasil.

Em Luanda onde eu lecionava visitamos quatro espaços: (i) Museu Nacional de Antropologia; (ii) Museu de Escravatura; (iii) Galeria 25 de Abril da UNAP⁵⁷; (iv) Instituto Camões. Depois de ter acesso a ampla informação e ter analisada as teorias antropológicas, estéticas, históricas e sociológicas, os estudantes teceram críticas qualitativas logo no primeiro ano, em 2012. Com esses resultados, sugerimos a Decania da FCS/UAN de começar a pensar numa especialidade já na licenciatura em relação a “História da Arte” como forma de prestar serviço científico na qualidade da Arte nessa matéria em Angola como forma de disciplinar as classes artísticas (BATSÍKAMA, 2014: 85-86).

Em 2013, os estudantes solicitaram-me publicar o texto para facilitá-los a consulta. Recebi a mesma sugestão dos estudantes de várias instituições universitárias angolanas (no Bengo, na Huila, em Benguela e no Uige). A editora Mayâmba não hesitou em publicar o meu

⁵⁵ Boletim Administrativa colonial; Revista da USP sobre Estudos Africanos, *Présence Africaine*, etc.

⁵⁶ World Congress of Philosophy, International Congress of Aesthetics, por exemplo.

⁵⁷ União Nacional de Artistas Plásticos.

texto de apoio em livro que, oportunamente, tem servido até nos dias de hoje aos estudantes de 4º ano em História. Tivemos dificuldade em melhorar as nossas aulas em 2013, por causa de um trabalho de Tese de Doutorado. Contudo, em 2014 ficamos realmente satisfeitos que o texto tenha sido uma boa síntese – passível de melhoramento face as novas exigências – para estimular conhecimento aos estudantes.

Em relação a carga horária, a nossa humilde opinião sempre foi – logo na primeira experiência – de realizar esse seminário durante oito semanas (com três horas teóricas e três horas práticas, por cada semana) e a avaliação dos estudantes consistiria em escrever um artigo científico de 15 páginas no mínimo e 25 no máximo. Este artigo deveria ser um trabalho de pesquisa sobre exposições, exibição de danças ou teatro, etc. Em tese, visto que se tratava do último ano no curso de História, esse seminário daria oportunidade aos estudantes de, por um lado, exercitar em fazer pesquisa de campo e redigir os resultados num artigo científico seguindo rigorosamente a metodologia científica. Seria um verdadeiro ensaio para posterior: monografia. Por outro, eles ganhariam autonomia em intervir na crítica da arte que – até nos dias de hoje – é muito carente em Angola. Por isso, sugerimos que os estudantes tenham aulas práticas subdivididas em três campos: (i) diálogos de ateliê com profissionais; (ii) discussões em tertúlias com um universo plural; (iii) frequência às exposições de artes ou as exposições teatrais. Havia outra dificuldade, embora tida relativamente menor: os estudantes tinham enormes dificuldades em ler as escritas produzidas pelos romancistas, poetas e ensaístas de língua portuguesa. A falta de hábito nas leituras dificulta sobremaneira o capital cultural dos estudantes. Uns não veem importância em textos imaginários, outros classificam de inúteis no *métier* de historiador. Apesar dos nossos apelos sobre essa questão, os estudantes conseguiram ler alguns autores por obrigação. Dos melhores estudantes que mantenho contato até hoje, quase ninguém desenvolveu o gosto pela leitura de romances, poemas, etc.

História da África

Ensinar a “História de África” no curso de Sociologia (2º ano) foi-nos um desafio interessante, pela nossa inclinação em História social. O programa do ISPT parecia não dar maior ênfase a esse aspecto, pelo que mostramos o interesse de o implementar junto de Departamento das Ciências Humanas. Oferecemos uma bibliografia interessante para auxiliar os estudantes, e notamos que algumas turmas noturnas exploraram-nas na melhor maneira possível.

Nas nossas pesquisas (BATSÍKAMA, 2016), desenvolvemos outras compreensões de angolanidade e percebi-me da oportunidade em seguir em frente os objetivos lançados na

HGA⁵⁸. J. Ki-Zerbo encontrava na História uma plataforma de afirmação (KI-ZERBO, 1979, pg 11, 23-24, 109, 221), pelo que abordamos com os estudantes a História da resistência interna durante a escravatura e colonização. Em todas as turmas, o episódio da rainha Njing'a Mbândi (HEYWOOD, 2018; CAVAZZI, 1965) contada à nossa maneira particular emocionou os estudantes. Sobre Kimpa Vita (ou melhor Nsîmb'a Vita) as discussões foram muitas acesas por se tratar de uma questão religiosa e política simultaneamente, sobretudo por esta última ter profetizado a vinda de um salvador (Simão Gonçalves Toko) (BATSÍKAMA, 2018, pg 180-184). O ISPT é uma instituição cuja entidade patronal é a Igreja do Nosso Senhor Jesus Cristo no Mundo, lembrada pelo profeta Simão G. Toko. Daí a razão das discussões.

Se África encontra-se no concerto dos continentes, não seria justo limitar a História da África apenas ao continente africano. Milhares de angolanos foram transportados como escravizados em vários cantos do mundo. Interessante é que apesar de serem desenraizados, não se limitaram as submissões apenas. Resistiram contra vários tratamentos desumanos ao seu detrimento, ergueram vozes e modelaram novas configurações de resistência (na cultura, nas armas, na política, na economia, etc.): criaram *seus* mundos que interessava estudar (THORNTON, 2003). Trata-se de uma história rica, pelo que estes africanos reinventaram pequenas áfricas nos vários processos de integração social onde se encontravam. Haiti alcançou a independência com a bravura dos afrodescendentes; candomblé ou umbanda constituem espaço cultural de resistência onde destemidas personalidades como Zumbi de Palmares merecem ser lembradas. Cuba revolucionou a sua anatomia social, onde as culturas africanas serviram de ferramentas de afirmação e resistência contra as opressões político-econômicas capitalistas e, quiçá, contra a própria pobreza local. O Pan-africanismo moveu ideias futuristas na base de um cross-culture entre diferentes as “áfricas”, embora as suas estratégias olvidassem forças militares para alcançar: contudo repensou a irmandade africana intercontinental.

Quatro horas semanais eram suficientes, durante um semestre, em suscitar curiosidades e estimular debates nas suas de aulas. Em tese, traça-se uma cronologia de luta de resistência desde rainha Njing'a Mbândi, Batalha de Mbwila, profetisa Kimpa Vita, as autoridades de Mbayi Lûndu (Bailundu), osoma Mandume ya Ndemufayo... até Simão Toko como nacionalista. Transformei a História da África na História de Angola, depois de uma breve introdução panorâmica sobre África (ILIFE, 1999: Introdução). Por outro, mostrar que a Diáspora africana foi construída com a consciência destes africanos que, apesar das humilhações e graves mutilações sofridas, não desistiram em construir o seu mundo ao seu gosto. Distribuimos os textos bons que abordam estas personalidades históricas para estimular

⁵⁸ UNESCO, 2010. Os três primeiros volumes.

os estudantes em dois aspectos: (i) a utilidade de História seria fazer dela uma ferramenta de afirmação, perceber que a História universal seria uma imposição pós-colonial; (ii) as relações de conflito servem para tirar proveito do desenvolvimento, transformação das sociedades e determinação do seu devir.

Interessante, nestas discussões, foi desenvolver no espírito dos estudantes a importância histórica no comportamento social de um povo e, em consequência, perceber que tipo de sociedade África (Angola) tem. Se de um lado, a explicação de Njing'a Mbândi e outras personalidades históricas justificava uma tradição de resistência dos africanos em geral e angolanos em particular contra as imposições externas, por outro a longa guerra civil angolana que os estudantes angolanos eram legatários permitia tornar as aulas num exercício de autoconsciência para a construção de um espaço coletivo compartilhado e erguido com uma nova angolanidade.

Isto é, aproveitávamos do perfil dos estudantes de Sociologia de 2º ano para semear neles a vontade de perceber a sociedade onde estão inseridos e perceber o conflito como um diálogo permanente para manter a Paz e a Reconciliação nacional na aceitação mútua das diferenças. Desta maneira, eles seriam os defensores dos ideais nobres da “soberania intelectual”. Quer dizer, ser produtores e não simplesmente consumidores dos conhecimentos alheios.

História de África: atualização do programa

Na base da experiência, apresentamos aqui uma proposta que consiste em atualizar a disciplina de História da África tal como se apresenta na grelha curricular nas universidades angolanas especificamente, no curso de História ou nas Ciências Sociais. Eis a nossa humilde proposta do programa nessa disciplina:

- 1. Da desertificação do Saara à expansão dos Bantu**
 - a. Arte rupestre no Saara e teoria da desertificação do Saara
 - b. Egito: Antigo, Médio e Novo Império
 - c. Expansão Bantu e Médio/Novo Egito
 - d. Unidade cultural entre Egito e África Negra
- 2. Estados africanos pré-coloniais**
 - a. África Ocidental
 - b. África Nilótica
 - c. África Oriental
 - d. África Central Ocidental
 - e. África Meridional
- 3. Guerras civis e conflitos culturais: séculos XIV – XIX**
 - a. Da evangelização às guerras de ocupação
 - b. Escravidão, resistências e declínio de reinos
 - c. Religião, cultura africanas na Diáspora
 - d. Resistência dos descendentes africanos na Diáspora
 - e. O genocídio alemão contra os Khoi, San
- 4. Colonização e Descolonização**
 - a. Conferência de Berlim e novos métodos de imposição
 - b. Colonização demográfica e ideologias de convívios
 - c. Ideologias da independência
 - d. Luta armada da independência
 - e. Independência e novo mapa político de África
- 5. África pós-independência**
 - a. Golpes de Estado e novo mapa geo-estratégico
 - b. Guerras civis: conflitos inter-tribais, pós-eleitorais, genocídios
 - c. Ditadura e democracia: construção de Estado-nação em África
 - d. Economias africanas face à globalização
- 6. Diáspora africana**
 - a. Escravidão e geografia negra americana
 - b. Negros na Europa: séculos XVI-XVIII
 - c. Revoltas, independências e desafios
 - d. Religião, cultura e ideologias culturais e independentistas
 - e. Migração africana na Europa no século XXI

A bibliografia para sustentar essas aulas (que citamos parte dela no fim deste texto) oferece uma leitura panorâmica para que a discussão seja profícua, permitindo os estudantes perceberem que a consciência de vários africanos – oriundos de vários reinos ou diferentes países – contribuiu significativamente na História do Mundo. Se, por um lado transformaram as economias ocidentais durante a escravatura, por outro demonstraram ser detentores de valores que contribuem na cultura mundial.

Conclusão

A disciplina de “História de África” no curso de História precisa de ter a estrutura que apresentamos, como forma de perceber que ela é uma manifestação da consciência dos africanos em várias fases da sua metamorfose (diria Ovídio) quer no seu continente, quer na Diáspora e consoante momentos diferentes. Dependerá do professor que, além de dominar a discussão metodológica, deverá disponibilizar de uma bibliografia essencial e de leitura fácil para animar a discussão na sala de aulas.

A mesma estrutura poderá servir também para outros cursos em Ciências Sociais, com menos intensidade e menos exigência técnica própria na formação de historiador. O mais importante com esse programa é promover o debate, estimular os estudantes a ler e produzir ideias capazes de palpar solução aos seus problemas.

Referências

- BATSÍKAMA, P. **História das Artes em África**, Luanda: Mayamba, 2014.
- BATSÍKAMA, P. **Reino do Kôngo: Origens, Política e Economia**, Luanda: Mayamba, 2018.
- CAVAZZI, A. **Descrição histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola**, Lisboa: junta e Investigação Ultramar, 1965.
- DIOP, C.A. **Nations nègres et cultures**, Paris : Présence Africaine, 1955.
- DIOP, C.A. **Parenté génétique de l'égyptien pharaonique et des langues négro-africaines**, Dakar : IFAN-NEA, 1977.
- FAGE, J.D. **História da África**, Lisboa : Edições 70, 1995.
- HEYWOOD, L. **Nzinga de Angola**. A rainha guerreira de África, Lisboa: Casa das Letras, 2018.
- ILIFE, J. **Os africanos: História de um continente**, Lisboa: Terramar, 1999.
- KEITA, B. N. **História da África negra**. Síntese de História Política e de Civilizações, Lisboa: Texto editora, 2009.
- KI-ZERBO, J. **História da África negra**. Lisboa: Europa-América, 1979.
- LAMBERT, J.M. . **História da África**. Goiânia: Kelps, 2001.
- MBOKOLO, E. . **África negra – História e Civilizações**, I e II, Lisboa: Colibri, 2007.

OBENGA, T. **Dissertação histórica em África**. Luanda: Mediapress, 2014.

THORNTON, J. **A África e os africanos na formação do Mundo Atlântico**. Rio de Janeiro; São Paulo: Campus Elsevier, 2003.

UNESCO. **História Geral da África**. vols. I, II, III, São Paulo: USP, 2010.

Biografia Resumida

Patricio Batsikama Mampuya Cipriano: Director do
CEICA/ISPT Centro de Estudos e Investigação Científica Aplica
no Instituto Superior Politécnico Tocoísta, Angola

Contato: batsikama@yahoo.com | 23327@ufp.edu.pt